



AOFA

ASSOCIAÇÃO DE OFICIAIS
DAS FORÇAS ARMADAS

COMUNICADO

QUEM NÃO DEFENDE O QUE ELOGIA, NÃO DEFENDE A PALAVRA QUE TEM!

O **Sistema de Saúde Militar (SSM)** consubstancia um **conjunto de instituições diversas**, com identidades e necessidades próprias e **missões específicas**, que pugnam por um objetivo comum. Considerando a necessidade permanente de, garantindo aqueles princípios, encontrar um **modelo organizacional** que consiga **responder com maior proficiência a um conjunto alargado de requisitos**, foram vários os grupos de trabalho e comissões que deram origem a outros tantos diplomas, com o objetivo de reestruturar o SSM, dando-lhe uma **configuração** que agilize a sua **gestão integrada e global**.

Um dos “produtos” daquela reestruturação é o **Hospital das Forças Armadas (HFAR)**, que se constitui como estabelecimento hospitalar militar de retaguarda do SSM em apoio da saúde operacional, na direta dependência do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas (CEMGFA), e constituído pelo Polo de Lisboa (HFAR/PL) e pelo Polo do Porto (HFAR/PP).

O sucesso das organizações mediu-se, na era das Revoluções Industriais, em função do **património** (edifícios, equipamentos, etc.) que detinham. Este modelo, focado em acumular bens de capital, tornou-se **insuficiente** para dotar as organizações da **flexibilidade** e criatividade necessárias para **ultrapassar as ameaças** e oportunidades dentro de um contexto transformacional. **Hoje**, num mundo em permanente e rápida mudança, a chave do sucesso das organizações passou a ser o seu **capital humano**, representado pelo conjunto de CHAOs (Competências, Habilidades, Aptidões e Outras Características Pessoais) das pessoas que formam a sua estrutura.

O modelo desenhado e prometido para o HFAR pretendia congregar ambos, ou seja, um **hospital amplo, bem equipado, moderno, dimensionado para o apoio operacional e assistencial, com robustez para apoiar ainda o Serviço Nacional de Saúde e as solicitações de proteção civil**. Se pensarmos que o HFAR é o herdeiro do património material e imaterial dos hospitais militares dos ramos das Forças Armadas, não parecia tarefa difícil de alcançar. No entanto, hoje, cerca de **uma década depois** do início da tal reestruturação, temos um HFAR com praticamente todos os

investimentos atrasados ou adiados e com os seus quadros de **peçoal** preenchidos a **pouco mais de 50%**.

Este modelo pandémico de terra prometida que resulta, invariavelmente, em terra queimada, representa a continuidade de um **modelo falhado**, isto é, as **perdas patrimoniais** imediatas são acompanhadas por anúncios de investimentos geradores de proficiência futura. Mas como tais **investimentos não se concretizam**, resta às organizações **lutar pela sobrevivência** e tentar o sucesso **sem as infraestruturas e equipamentos** de que necessitam, e **sem recursos humanos e financeiros**, ou seja, a continuidade do paradigma do “fazer muito mais com muito menos”.

Se o investimento no HFAR, para o dotar de património e equipamentos, é engodo já fora de validade, o capital humano ali alocado, fator crítico para o sucesso das organizações modernas, simboliza bem o **valor da palavra política**. Desde há muito que são mais de 600 lugares orgânicos que estão por preencher no HFAR (dos quais cerca de 400 são militares). Sem solução para este flagelo, resta ao HFAR ir colmatando esta grave lacuna contratando prestadores de serviço (pouco mais de 300), **consumindo verbas próprias** que lhe permitiriam modernizar-se e alimentando trabalho precário que não permite a estabilidade dos próprios. Considerando os vergonhosos valores máximos autorizados que se podem oferecer, não se espera mais do que concursos vazios ou uma **elevada rotatividade** dos profissionais e o conseqüente **desprestígio e ineficiência** da organização.

Portanto, neste cenário, são enormes as **dificuldades** para responder às solicitações **operacionais** e de **assistência à “família militar”**, garantir um serviço de **urgência H-24**, uma Unidade de **Cuidados Intensivos**, taxas de ocupação elevadas no **bloco operatório** e no internamento ou rários que permitam a **idoneidade formativa**, pelo que o HFAR sobrevive à custa da **resiliência** daqueles que, sem horário de trabalho e com elevado **sentido de missão**, vão encontrando soluções para problemas que não criaram.

Como se este grilhão não fosse já suficiente para **atrasar o seu desenvolvimento**, a permanente **luta pelos escassos recursos qualificados da saúde** coloca em **rota de colisão** o apoio operacional direto, garantido pelas **Direções de Saúde** dos ramos das Forças Armadas, e o **HFAR**, num sistema **perverso, instável e autofágico**, que não beneficia ninguém.

As **indefinições políticas**, as **promessas de investimento** e a enorme **descapitalização em recursos humanos** já não se mascaram com as recorrentes palavras elogiosas ao HFAR. A falta de compromisso político não pode continuar encoberta pela permanente disponibilidade para o serviço e pelo sacrifício pessoal e familiar dos militares, uma vez que, na prática, estes resultam numa interpretação discricionária do horário de trabalho, facilitando excessos e promovendo injustiças.

Elogiar o **HFAR e os serviços únicos que presta à pátria**, bem visíveis nestes meses de pandemia, materializam-se em **atos concretos**, a saber:

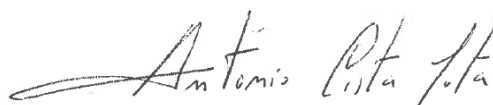
- 1. O financiamento e execução das obras de ampliação e modernização;**
- 2. A alocação dos recursos previstos na orgânica do HFAR;**
- 3. A definição e implementação de um modelo estável e contínuo de recrutamento;**
- 4. A garantia de formação contínua e superespecialização;**
- 5. A clarificação da relação com as diversas Ordens profissionais;**
- 6. A harmonização da formação e da progressão nas carreiras;**
- 7. A calendarização do tempo, modo e local da prestação de serviço;**
- 8. A justa remuneração pela valorização da carreira.**

Estes são assuntos que se arrastam e que estão **por resolver há tempo demais** e, por isso, geram insatisfação, abandono e punem severamente profissionais, utentes e a Saúde Militar.

Para os Oficiais das Forças Armadas e para os Homens as palavras têm um preço e as promessas têm um tempo. Quando esvaziadas, não sobra nada... nem ninguém.

Trafaria, 12 de junho de 2020

O Presidente



António Augusto Proença da Costa Mota

Tenente-Coronel